PLACAR

EDIÇÃO ESPECIAL Nº 4 JULHO DE 1994 R$ 3,00

Editora Abril

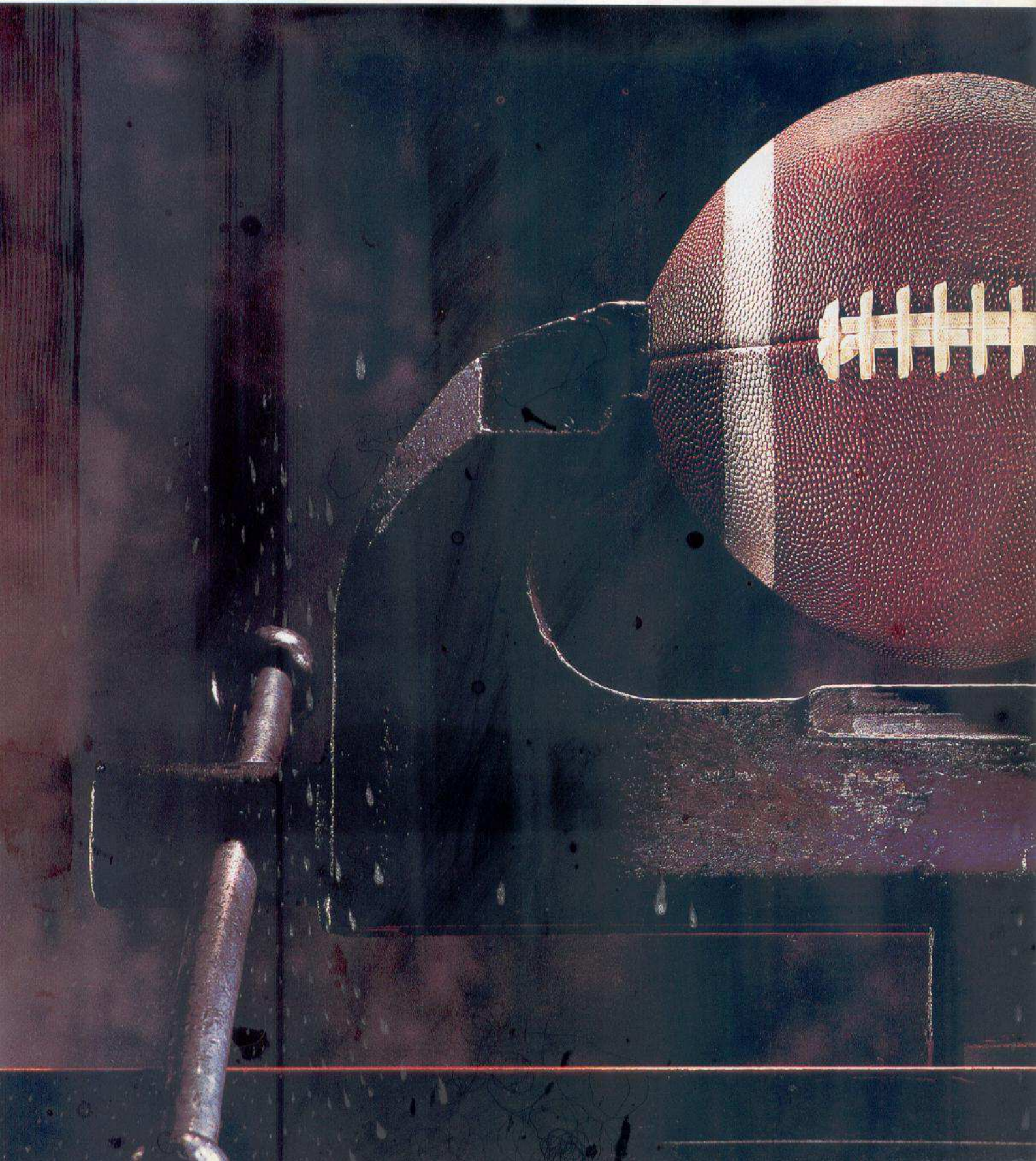
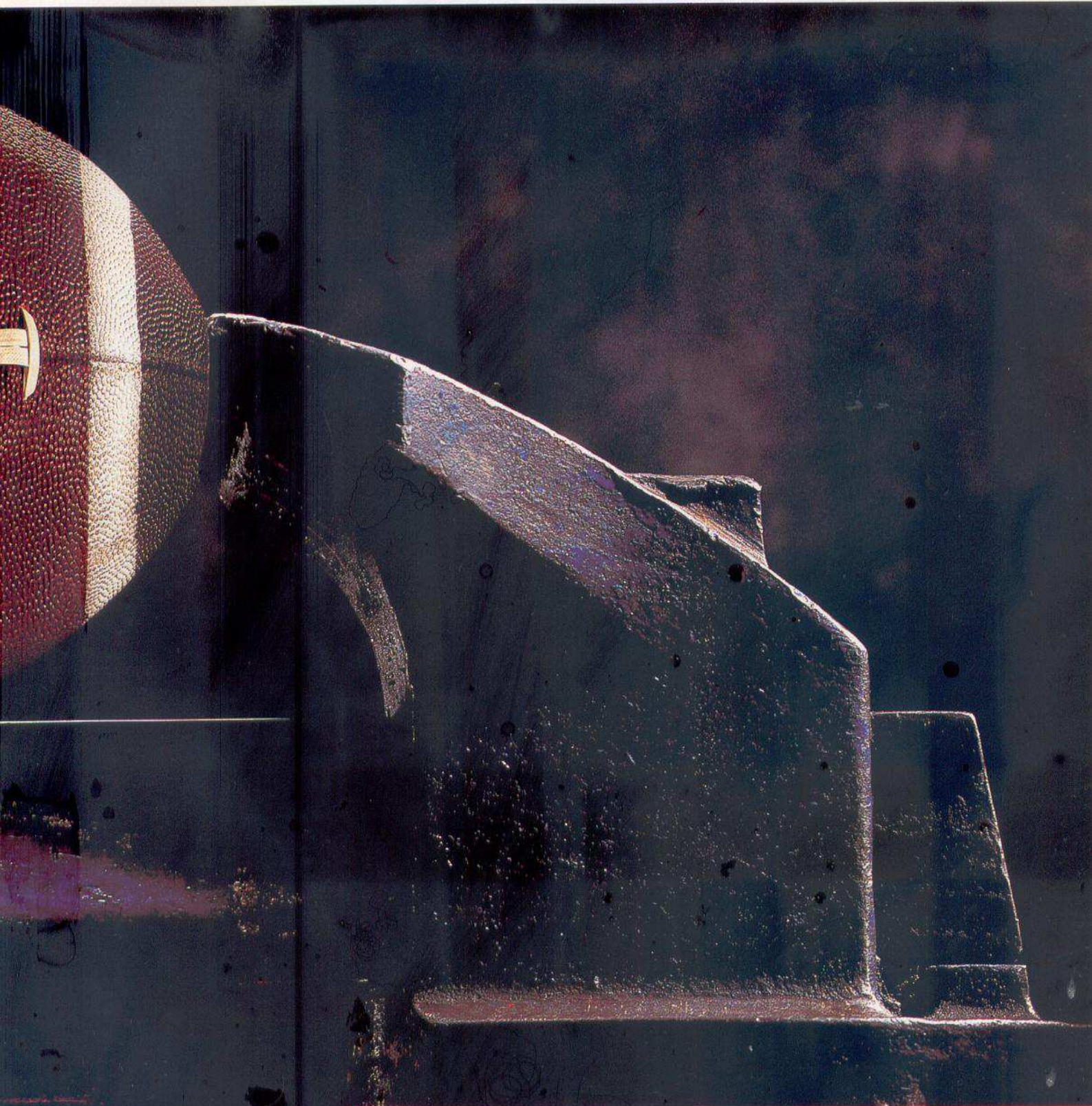
OS SEGREDOS DA LARANJA HOLANDESA PARA O JOGO CONTRA O BRASIL. QUEM VENCER FICA MAIS PERTO DO TÍTULO

BRASIL 1 X ESTADOS UNIDOS 0

QUE SUFOCO!

E LÁ VEM A HOLANDA

COPA USA 94

Brasil 1 x 0 EUA.

Yankees, stay home.

Futebol é Brasil. Tinta é **Coral**

FOOTE, CONE & BELDING

4 de julho: o dia do sofrimento

Por Juca Kfouri, *de São Francisco*

Foto de capa: Pedro Martinelli

PEDRO MAETINELLI

NELSON COELHO

Romário deu de bandeja para Bebeto, que só colocou fora do alcance de Meola: fim do sufoco

Desde a estréia contra os russos, o azar

Cometendo os erros dos jogos anteriores, a Seleção penou para vencer, mas conseguiu estragar a festa americana com uma jogada genial de Romário. Agora se prepara para espremer a Laranja Holandesa

perseguia Bebeto. Na dramática vitória sobre os Estados Unidos, Romário reconciliou seu parceiro de ataque com a sorte: explosão de alegria

Era o dia da independência deles. Iludidos até pela imprensa americana, os donos da casa achavam que "seria um jogo em que tudo pode acontecer." Mas estava na cara que o 4 de julho seria, para os ianques, o que um certo 5 de julho foi para nós, doze anos atrás, no Estádio de Sarriá, na Copa da Espanha. O dia do fim de um sonho. Que nos custou irritante sofrimento, diga-se de passagem. É claro que todos têm o direito de sonhar, embora, pelo menos em matéria de futebol, os nossos sonhos sejam incomparavelmente mais possíveis que os deles. Mas, ainda assim, eles sonhavam que o 4 de julho marcaria a entrada americana no primeiro mundo do futebol, registraria a independência do nascente *soccer* e a afirmação de uma nova façanha esportiva dos filhos do Tio Sam. Acabaram chorando a ingenuidade derramada no colo da Vovó Donalda.

Para o Brasil, se por um lado era um jogo normal, até previsivelmente fácil, pois o fim da neutralidade da Copa não podia assustar ninguém — muito pior houvera sido enfrentar, em 1958, a Suécia dona da casa na Final (5 x 2), e, em 1962, o anfitrião Chile na Semifinal (4 x 2) —, por outro, a partida tinha o caráter de decretar a independência do setor mais importante de um time, o meio-campo. E qual um D.Pedro I às margens do Ipiranga, em 7 de setembro de 1822, Mazinho ergueu mais alto a sua espada durante os treinamentos e afastou Raí da equipe. Carlos Alberto Parreira, como D. João VI, mandou que ele ocupasse o lugar antes que um aventureiro o fizesse, e o lateral Leonardo esteve bem perto disso no treino do último sábado. Na verdade, Raí acabou sendo escolhido para vítima, enforcado como Tiradentes, quando, no mínimo, Zinho deveria sair antes dele.

"Todos os homens são criados iguais e são dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, como o direito à vida, à liberdade e à busca da felicidade", eis, enfim, o justo motivo da festa americana de 4 de julho, ao celebrar a Declaração de Independência dos Estados Unidos, proclamada em 1776 e liderada por George Washington, que viria a ser, treze anos depois, o primeiro presidente americano. Nada a opor à Declaração, muito pelo contrário, embora, no campo do futebol as coisas não sejam exatamente assim e a busca da felicidade exija a maturidade que nem de longe o time americano possui.

A torcida gritava "IUESSEEI". Aí, Romário serviu com genialidade para Bebeto fazer o gol da libertação

Foi um jogo complicado no engalanado Estádio de Stanford, o alçapão brasileiro, pela primeira vez tomado pela torcida adversária, pois os americanos dos dois jogos anteriores despiram a camisa amarela e vestiram a branca, vermelha e azul. O Brasil repetiu todos os erros das partidas antecedentes e se permitiu até tomar um belo susto aos 11 minutos, quando os americanos por pouco não marcaram. Mas Romário chutou bola na trave, Bebeto quase fez um de voleio, e, na mesma jogada, Márcio Santos e Aldair perderam gol certo — tudo isso apesar do futebol burocrático pelo lado verde-amarelo e só esforçado pelo dos americanos. O primeiro tempo terminou num triste 0 x 0, placar inédito até então nas movimentadas partidas das oitavas-de-final. Pior: uma cotovelada inexplicável de Leonardo o tirou de campo, justamente expulso, bem ele que era o jogador mais consciente da Seleção e que, provavelmente, voltaria para jogar no meio-campo com a entrada de Branco em lugar de Zinho.

Com dez jogadores, e apesar de Zinho, o Brasil voltou como um leão ferido. Mauro Silva, por exemplo, jogava por ele, por Zinho, pelo Mauro e pelo Silva. Aos três minutos, Dooler salva na linha o que seria gol de Romário. Aos 13, Zinho deixa Romário na cara do goleiro Meola e ele perde um gol exatamente igual ao segundo que fizera contra o Uruguai, nas eliminatórias. Já os americanos, com onze jogadores,tinham medo de buscar a felicidade. E continuavam atrás, apostando numa prorrogação e no desgaste brasileiro.

Aos 23, Parreira tirou Zinho e pôs Cafu na lateral-esquerda, mandando Mazinho voltar ao meio-campo. Não fazia sentido, mas, para acabar com o nosso sofrimento e começar o de uma enlouquecida torcida que não parava de gritar "IUESSEEI", Romário serviu com genialidade para Bebeto fazer o gol da libertação aos 28 minutos, às duas horas e sete minutos da tarde de 4 de julho, em Palo Alto, no Estádio de Stanford. Como eles não sabem atacar, e defender é hoje, quem diria, uma de nossas marcas registradas, vamos a Dallas pegar a Holanda. Que costuma deixar jogar, mas que será o primeiro time realmente respeitável que vamos enfrentar.

PEDRO MARTINELLI

Uma bola na trave, um passe simplesmente genial para Bebeto marcar o gol da vitória: Romário foi um terror para o goleiro americano Meola

NELSON COELHO

Mauro Silva esteve cotado para perder a posição, mas estraçalhou: um leão em campo

UM BATE-BOCA TRANSMITIDO VIA SATÉLITE

Por Paulo Vinícius *Coelho, de São Francisco*

Pelo jeito não foram só os torcedores que se impacientaram com a Seleção Brasileira na duríssima vitória sobre os Estados Unidos. Entre os jogadores, a insatisfação já começa a transparecer e ficou evidente nas imagens da televisão, que mostrou Müller discutindo com o técnico Carlos Alberto Parreira na saída do campo. Este chegou a se dirigir ao atacante reserva com dedo em riste. Titular nas Eliminatórias até o jogo contra o Uruguai, quando estava machucado e Romário voltou, Müller ainda não teve chance nesta Copa. "Falávamos sobre o jogo", desconversou o jogador ao ser perguntado sobre o bate-boca. Indagado sobre o tema da conversa com o técnico, o são-paulino engrossou: "Não te interessa". Müller chegou a arregalar os olhos ao saber que as emissoras de televisão mostraram a discussão. O treinador também se assustou ao saber do flagrante via satélite e se desviou do assunto. A dupla que comanda a Seleção não considerou o jogo complicado. "Vocês acharam sufoco?", perguntou Zagalo aos repórteres. "Então vi outro jogo", encerrou. "Os Estados Unidos não ameaçaram em momento algum", frisou Parreira, que, pelo jeito, também viu outra partida, esquecendo-se da bola que passou por Taffarel e raspou a trave, ainda no primeiro tempo. "Não foi a atuação ideal", admitiu o novo capitão, Dunga, contando que os jogadores norte-americanos xingaram os brasileiros o tempo todo. Já o técnico dos Estados Unidos, o sérvio Bora Milutinovic, não quis dizer se o Brasil tem chances de ser tetracampeão jogando da maneira que enfrentou sua equipe. "Essa pergunta deve ser feita ao Parreira. Mas desejo sorte aos brasileiros", concluiu. Pelo jeito, o Brasil vai precisar dela.

A FICHA DO JOGO

Estádio: Stanford (São Francisco)
Juiz: Joel Quiniou (França)
Substituições: Wynalda no lugar de Ramos, intervalo; Wegerle no de Hugo Pérez, 20; e Cafu no de Zinho 23 do 2º
Público: 84 147
Estado do gramado: bom
Gol: Bebeto 28 do 2º
Cartão amarelo: Jorginho, Mazinho, Ramos, Clavijo e Dooley
Expulsão: Leonardo 41 do 1º; Clavijo 40 do 2º

ESCALAÇÕES E NOTAS

BRASIL		ESTADOS UNIDOS	
(1) TAFFAREL	6	(1) MEOLA	6
(2) JORGINHO	6	(21) CLAVIJO	5
(13) ALDAIR	7	(17) BALBOA	5
(15) MÁRCIO SANTOS	7	(22) LALAS	6
(16) LEONARDO	6	(20) CALIGIURI	5
(5) MAURO SILVA	8	(9) TAB RAMOS	5
(8) DUNGA	6	(5) DOOLEY	7
(9) ZINHO	3	(7) HUGO PÉREZ	6
(17) MAZINHO	5	(16) SORBER	6
(7) BEBETO	6	(8) STEWART	6
(11) ROMÁRIO	6	(13) COBI JONES	5
(14) CAFU	6	(11) WYNALDA	5
		(10) WEGERLE	5
TÉCNICO:		TÉCNICO:	
CARLOS A. PARREIRA	4	BORA MILUTINOVIC	8

1º TEMPO A entrada de Mazinho no meio-campo não mudou a forma do time trabalhar: muito toque de bola e nenhuma objetividade. Mais uma vez, os laterais foram as melhores opções de ataque. Romário e Bebeto se revezavam pela direita e esquerda e pouco pegaram na bola

2º TEMPO Sem Leonardo, o Brasil dependeu do apoio de Jorginho pela direita. Mazinho começou na lateral esquerda e com a entrada de Cafu voltou ao meio. Romário e Bebeto recuaram e criaram as poucas jogadas de ataque

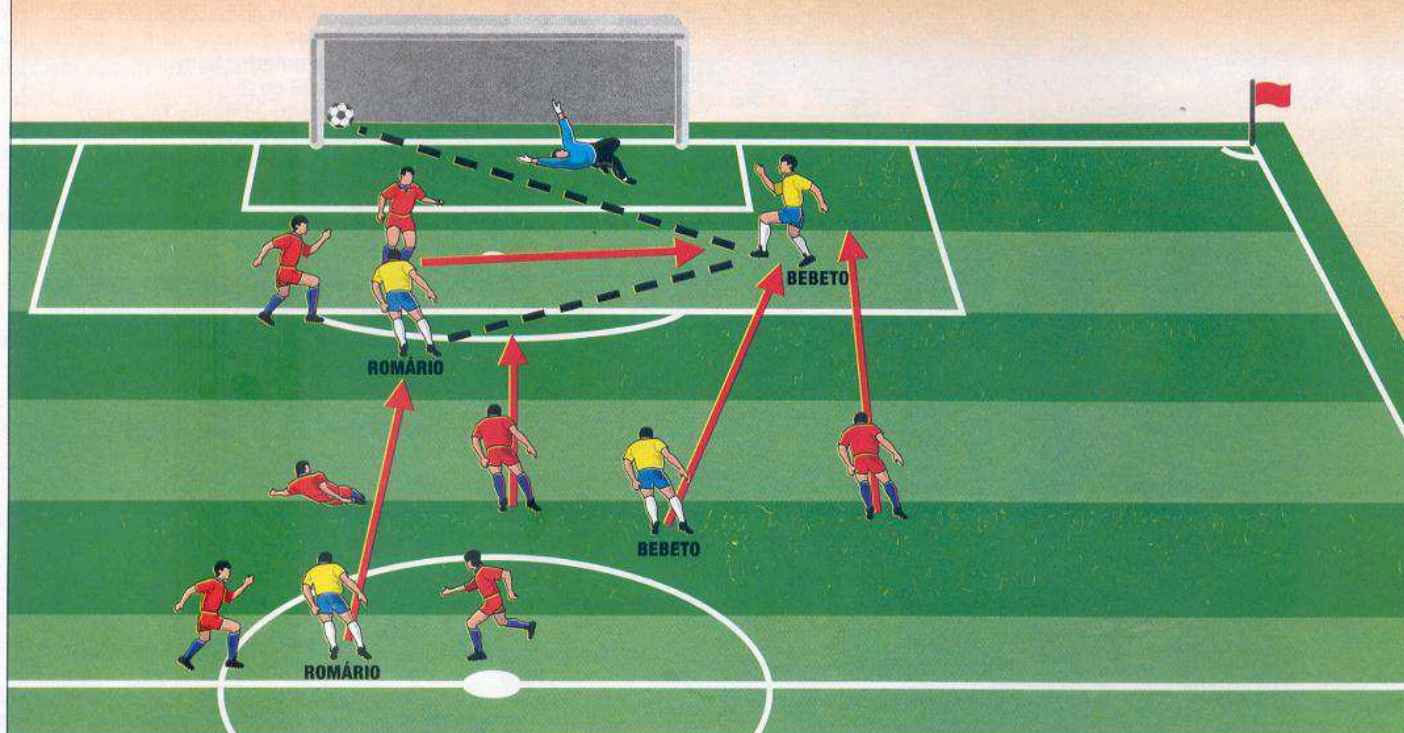
O LANCE DE PLACAR

28 do 2º Como o meio-campo, incapaz, não fazia a bola chegar ao ataque, Romário, de novo, tratou de resolver a questão. Apanhou a bola na metade do gramado e, mesmo perseguido pelos norte-americanos, carregou-a até a área inimiga. Aí, ele deixou Bebeto livre para marcar o gol salvador: 1 x 0

BEBETO

ROMÁRIO

BEBETO

ROMÁRIO

DESEMPENHO DOS JOGADORES

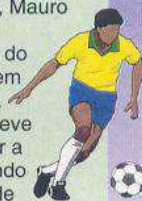
DEFESA

Taffarel foi pouco acionado — no único lance perigoso a bola passou rente à sua mão direita e à trave —, sinal de que a defesa não teve muito trabalho com o ataque dos Estados Unidos. Mas Jorginho não é mais o apoiador que era

MEIO-CAMPO

Foi onde ocorreu a única mudança para a partida. Entrou Mazinho e não melhorou nada, com o meio-campo, novamente, sem criatividade. Ficou claro que o problema do setor não era Raí — barrado —, mas, sim, Zinho. Só que os erros dele, Zagalo não deixa Parreira ver

O MELHOR

Aplicado e seguro, Mauro Silva foi um leão. Roubou mais bola do que trombadinha em dia de pagamento. O volante, que esteve cotado para perder a posição, está virando marca registrada de um time que só faz destruir. E cria menos do que deveria

O PIOR

Para não parecer perseguição, esqueça o Zinho. O pior da Seleção é quem escala os jogadores, acabando com a paciência de toda a torcida numa sucessão de erros e incoerências. Pelo menos, desta vez, o Paulo Sérgio não entrou

ATAQUE

Com um meio-campo burocrático, o ataque não consegue render tanto. Bebeto e Romário seguem isolados. Mesmo assim, o Brasil se cansou de criar jogadas perigosas. Muitas, como a do gol, foram de autoria dos atacantes

ART COR E FORMA

Orlando, Falcão, Lula, Beto Fuscão, Gil, Miguel, Roberto Dinamite, Marinho Chagas, Zico, Leão e Rivelino: vitória por 2 x 0 em 1976

FOTOS RODOLPHO MACHADO

Apenas um sparring

O futebol dos Estados Unidos nunca assustou a Seleção Brasileira, que já deu várias surras nos ingênuos norte-americanos

Os Estados Unidos fazem parte do Terceiro Mundo — do futebol. E, como se sabe, apesar dos 24 anos sem ganhar uma Copa, o Brasil ainda é primeiríssimo mundo no mapa da bola. Nada mais natural, portanto, que um acúmulo de vitórias brasileiras sobre os pernas-de-pau do Tio Sam ao longo da história. Até este Mundial, foram cinco jogos e cinco vitórias obtidas pelo time principal sobre os Estados Unidos. Aconteceram também três partidas entre equipes amadoras, duas delas pelos Pan-Americanos. Numa dessas o Brasil perdeu seu único confronto: 5 x 3, em 31 de agosto de 1959, nos Jogos de Chicago.

Quatro anos depois, nos Pan-Americanos de São Paulo, os brasileiros enfiaram 10 x 0, jogo realizado no Parque São Jorge, em São Paulo. O atacante Aírton Beleza fez história ao marcar sete gols na partida, recorde da Seleção até hoje, considerando jogos entre times amadores.

O Independence Day, a mais importante data nacional americana, dia em que o país comemora sua libertação do domínio inglês, não aproximou o futebol de brasileiros e norte-americanos apenas na partida desta segunda-feira, disputada no famoso 4 de julho. Em 1976, a Seleção do Tio Sam recebeu Brasil, Inglaterra e Itália para um quadrangular dentro dos festejos do bicentenário da independência dos Estados Unidos.

No confronto com o Brasil, os donos da casa perderam por 2 x 0. "Além disso, enfrentamos o time do Cosmos, que representou os Estados Unidos, com muitos estrangeiros", lembra Gil, na época com 25 anos, autor dos gols da vitória brasileira no campo de piso artificial e artilheiro do torneio com quatro gols. "O estádio lotou, como tem acontecido nesta Copa. Isso nos surpreendeu", recorda, antes de comparar o estilo agressivo da Seleção de 1976 ao atual. "Éramos três atacantes: eu, Roberto Dinamite e Lula. E nosso meio-campo tinha Falcão, Rivelino e Zico", destaca Gil, hoje treinador do Linhares do Espírito Santo — semifinalista da Copa do Brasil.

Gil festeja: artilheiro do bicentenário

FICHAS TÉCNICAS

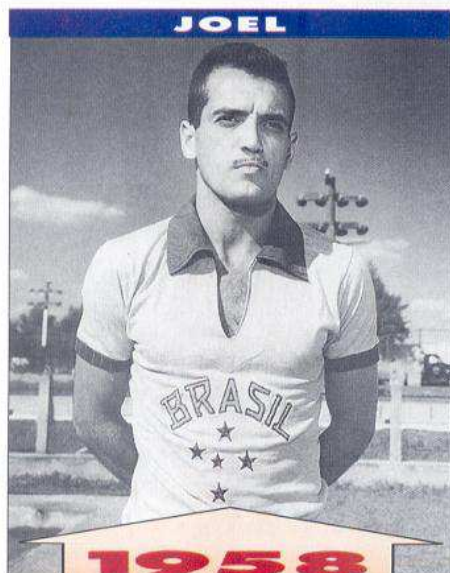
28/maio/1976
EUA 0 X BRASIL 2
Local: Kingdome (Seattle); **Juiz:** Rámon Barreto (Uruguai); **Público:** 20 245; **Gols:** Gil 30 do 1º e 43 do 2º; **Competição:** Torneio Bicentenário da Independência dos Estados Unidos
ESTADOS UNIDOS: Martin, Mike England, Bob Moore, Jump e Bob Smith; Eddy, Tommy Smith e Clements; Kowalik (Julie Vee), Chinaglia e Scullion (Chandler).
BRASIL: Leão, Orlando, Miguel, Beto Fuscão (Amaral) e Marinho Chagas (Getúlio); Falcão (Givanildo), Rivelino e Zico; Gil, Roberto Dinamite e Lula. **Técnico:** Oswaldo Brandão

26/fevereiro/1992
BRASIL 3 X EUA 0
Local: Castelão (Fortaleza); **Juiz:** Luiz Vilanova; **Renda:** Cr$ 106 049 000 00 **Público:** 20 245; **Gols:** Antônio Carlos 26 do 1º e Raí (pênalti) 28 e 34 do 2º; **Competição:** amistoso
BRASIL: Carlos, Luís C. Winck (Cafu), Antônio Carlos, Ronaldão (Alexandre Torres) e Roberto Carlos; César Sampaio (Wilson Mano), Luís Henrique e Raí; Bebeto (Valdeir), Müller (Evair) e Elivélton. **Técnico:** Carlos Alberto Parreira
EUA: Meola, Savage, Clavijo (Ibsen), Balboa e Michailik; Murray, Quinn e Henderson (Acosta); Tab Ramos, Hugo Pérez (Mea) e Vermes (Stewart). **Técnico:** Bora Milutinovic

7/junho/1993
EUA 0 X BRASIL 2
Local: Yale Bowl (New Haven); **Juiz:** Piero Cecarini (Itália); **Público:** 44 579; **Gols:** Careca 4 do 1º e Luís Carlos Winck 41do 2º;
EUA: Meola, Armstrong, Lapper, Doyle, Jeff Agoof e Clavijo; Harkes, Murray (Cobi Jones) e Chris Henderson (Woodring); Wegerle e Harbour. **Técnico:** Bora Milutinovic
BRASIL: Taffarel, Luís Carlos Winck, Júlio César, Márcio Santos e Branco (Nonato); Dunga, Luisinho (Raí) e Boiadeiro; Valdeir, Careca e Elivélton (Cafu). **Técnico:** Carlos Alberto Parreira

Obs.: *As fichas técnicas acima são de partidas mais recentes envolvendo a equipe principal do Brasil*

Teimar é preciso, gan

Parreira não está inovando: ir contra a opinião geral, já é tradição — ou maldição?

JOEL

O GLOBO

1958

Entre outras teimosias no Mundial da Suécia, Feola cometeu o sacrilégio de barrar Garrincha, colocando Joel em seu lugar. Como ganhou o título, foi perdoado

FEOLA

CORREIO DA MANHÃ

FALCÃO

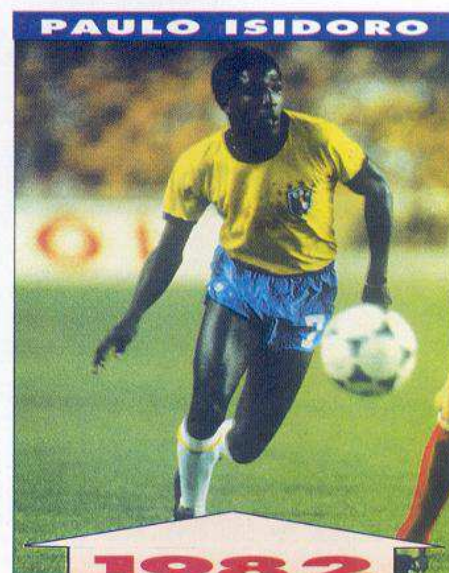
RONALDO KOTSCHO

1978

O que o falecido Cláudio Coutinho fez na Copa da Argentina foi um crime de lesa-futebol: deixou o cracaço Falcão no Brasil para levar o rude Chicão

COUTINHO

CARLOS NAMBA

PAULO ISIDORO

J. B. SCALCO

1982

Hoje, Telê é uma unanimidade nacional, mas na Copa da Espanha, contra a opinião geral, não levou ponta-direita, escalando Paulo Isidoro na posição

TELÊ SANTANA

ABRIL PRESS

Por **Juca Kfouri**, *de São Francisco*

No princípio era o Alfredo, um zagueiro do Vasco que o técnico Flávio Costa chegou a escalar na ponta-direita no jogo Brasil 2 x Suíça 2, na Copa de 1950. Alfredo chegou a fazer um gol, mas o treinador jamais foi perdoado por não ter convocado e escalado Cláudio Cristhóvam Pinho, o Gerente, um excepcional ponteiro — é até hoje o maior artilheiro da história do Corinthians — para a vaga do contundido Tesourinha, admirável ponta do Internacional, do Grêmio e do Vasco.

Usando o Ano Santo de 1950 como marco, ali começava a ser escrita a história moderna da teimosia — ou seria convicção? — dos treinadores da Seleção Brasileira. Um marco que não poupa quem perdeu e absolve os que venceram, embora todos, perdedores e vencedores, tenham sido pródigos em descontentar a vontade geral.

Para a Copa de 1954, por exemplo, Zezé Moreira preferiu renovar e simplesmente deixou no Brasil um dos maiores craques de todos os tempos, o genial Zizinho, que três anos depois levaria o São Paulo ao título de campeão paulista. Como Flávio Costa, Zezé Moreira jamais foi perdoado. Já Vicente Feola, o primeiro a trazer o título mundial para o Brasil, em 1958, começou a Copa da Suécia com Joel no lugar de Mané Garrincha e com o lateral-direito De Sordi no lugar de Djalma Santos! Garrincha dispensa apresentações e Djalma era tão bom que apesar de ter jogado apenas uma partida, exatamente a Final contra os donos da casa, foi considerado o melhor da posição na Copa. Feola, no entanto, ganhou a absolvição e, em vez de teimoso, ganhou a fama de simpático dorminhoco até a Copa de 1966, quando o Brasil naufragou na Primeira Fase e ele deixou no país a defesa que deveria ser a titular, com Carlos Alberto Torres, Djalma Dias, Roberto Dias e Édson. Aí, Feola virou burro mesmo.

Zagalo era contra Pelé e Tostão jogando juntos em 1970. Teimosia? Não, convicção

Em 1970, na epopéia do tri, o técnico Zagalo era o teimoso da vez e só à custa de muita pressão popular acabou colocando Tostão e Pelé no mesmo ataque, coisa que não admitia ser possível (preferia ter um centroavante mais de choque ao lado do Rei, como o botafoguense Roberto Miranda. Outra de suas preferências naquele Mundial, o ponta Rogério, só não foi titular, no lugar de Jairzinho, porque se machucou. E Jairzinho acabou marcando um gol por jogo no México.

Dali por diante é uma sucessão de teimosias — ou seriam convicções? — polê-

har é fundamental

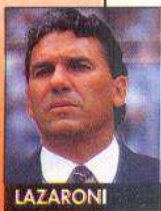
— dos técnicos da Seleção. Se perdem, são burros; se vencem, viram heróis

KIICHI YAZAKI

NELSON COELHO

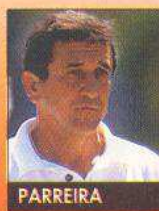
NELSON COELHO

1990

Na Copa da Itália, além de inventar a era Dunga, Sebastião Lazaroni cismou em barrar Mazinho, que estava bem, para insistir com Jorginho em má fase

LAZARONI

KIICHI YAZAKI

1994

Apesar de toda a pressão da torcida, dos jornalistas e dos outros treinadores brasileiros, o técnico Carlos Alberto Parreira não abre mão do que chama de "minhas convicções". Em nome delas, não quer nem ouvir falar em tirar Zinho ou Raí do time, insiste na permanência de dois volantes com as mesmas características no meio-campo e insulta o bom senso coletivo ao queimar a segunda substituição com a entrada do ineficaz Paulo Sérgio nos últimos minutos das partidas

PARREIRA

NELSON COELHO

micas e derrotas. Em 1974, o mesmo Zagalo deixava o genial Ademir da Guia no banco. Em 1978, o prematuramente falecido Cláudio Coutinho fez o mesmo com Zico e nem sequer convocou o extra-classe Falcão, já bicampeão brasileiro pelo Internacional, perpetrando um dos maiores crimes contra o futebol. Coutinho preferiu o futebol tosco do são-paulino Chicão, uma versão piorada de Dunga. E ainda inventou o zagueiro Edinho como lateral-esquerdo. Uma lástima.

Em 1982 e 1986 chegou a hora da hoje unanimidade nacional Telê Santana, que escalou, na Copa da Espanha, o meia atleticano Paulo Isidoro na ponta-direita, por mais que o humorista Jô Soares clamasse por "Telê, bota ponta!", pedido que virou refrão nacional. Em 1986, no México, por pura cisma, Telê também esnobaria Renato Gaúcho no auge da forma. Já em 1990, na Itália, a memória está bem viva e registra que Sebastião Lazaroni, além de criar a era Dunga, manteve o lateral Jorginho jogando pouco até o fim, enquanto Mazinho — esse mesmo que sofre agora processo semelhante — brilhava nos treinos.

"Parreira não é o Itamar da Seleção até porque não tem topete", defende Zagalo

Tudo isso para chegar a Carlos Alberto Parreira, que teima com Zinho, insulta a inteligência geral com Paulo Sérgio e insiste com Raí, contrariando a torcida, os demais técnicos brasileiros e a Imprensa. "Não sou burro, nem teimoso. Tenho minhas convicções e não vou me afastar delas só porque empatamos com a Suécia", justifica-se Parreira. "Aliás, o próprio técnico sueco me cumprimentou ao final do jogo para dizer que tinha sido 'uma disputa entre amigos'." Para ele, é a Imprensa que faz a cabeça do torcedor, "esse ser emocional que vai a campo com radinho de pilha no ouvido para saber o que deve pensar." "São vocês que decretam que o Zinho está mal ou que o Raí está lento. Mas as estatísticas comprovam que estou no caminho certo."

Sem entender até agora por que a revista VEJA o chamou de "Itamar da Seleção", Parreira tem o respaldo imediato de um dos turrões anteriores, o coordenador Zagalo. "Ele não é o Itamar da Seleção até porque não tem topete para isso", saca bem-humorado. Então, ele é o quê? "Sou um homem com convicções e vou até a vitória final com elas", resume Parreira. Faltam apenas três passos para ele ser absolvido. Mais três jogos, mais três vitórias, tetra na mão, Parreira será um herói nacional. Tomara que o seja, entre outros motivos porque, muito cá entre nós, não temos todos nós também as mais sólidas convicções?

"Quero ficar na história do futebol mundial"

Livre do rótulo de cabeça-de-bagre e um dos destaque do Brasil no Mundial dos Estados Unidos, o polêmico Dunga dá a volta por cima

Por **Juca Kfouri,** *de São Francisco*

Um terrível rótulo o acompanhava desde a Copa de 1990. Má idéia do técnico Sebastião Lazaroni que, reconhecendo a garra e a dedicação do jogador, tentou transformá-lo em modelo a ser seguido pelos demais. Acabou criando a "era Dunga". Foi o bastante. Dunga virou sinônimo de futebol medíocre — o time de Lazaroni não era mesmo dos mais empolgantes — e perdedor. O volante, que entrara como Pilatos no Credo, se transformou em Judas e passou a pagar todos os pecados do mundo. Terminada a fraca participação da Seleção na Copa de 1990 — o time ficou em nono, a pior classificação desde 1966 — Dunga era o jogador mais rejeitado do futebol brasileiro. Mesmo assim, continuava prestigiado na Itália, onde acertava novo, e bom, contrato com a Fiorentina, que viria a ser treinada pelo próprio Lazaroni na temporada 1990/91. Aos 30 anos, três ainda a menos que a idade de Cristo, Dunga, deu a volta por cima. Foi convocado para as Eliminatórias e, de reserva sem muitas chances, tornou-se titular absoluto. Encarnou o salvador da pátria de chuteiras, disputando com Romário — quem diria?! — a honraria de melhor jogador do time na Primeira Fase da Copa. De alma lavada, mas ainda suado depois de um dos treinamentos para enfrentar os Estados Unidos, o valente volante do Stuttgart da Alemanha — 66 partidas oficiais (oito gols) e cinco não oficiais (um gol) pela Seleção Brasileira — concedeu a seguinte entrevista exclusiva a PLACAR:

PLACAR — Como se sente alguém que virou uma situação de quase unanimidade contra em uma outra, a favor?
Dunga — Eu achava que seria muito difícil a minha convocação para esta Copa do Mundo. Quando fui chamado, nas Eliminatórias, ficou claro para mim que se jogasse ao menos cinco minutos, eu não poderia errar, minha margem de erro teria de ser zero. Eu tinha que me afastar de tudo, deixar falar o que quisessem, observar o jeito de jogar da Seleção, dos nossos adversários, e dar tudo. Foi o que fiz e hoje me sinto muito bem.

"Na Itália, um jornalista escreveu que o futebol de Baggio faz sonhar e o meu faz ver a realidade. Se fosse assistir um jogo, gostaria de ver um time que mesclasse Dungas e Romários"

FOTOS PEDRO MARTINELLI

PLACAR — Como você se analisa?
Dunga — Eu jogo o futebol moderno. Tenho de saber defender, marcar, atacar, lançar, fazer um pouco de tudo, sem uma função específica.

PLACAR — Se fosse um torcedor, você iria a campo para ver o Dunga jogar ou preferiria ir ver o Romário?
Dunga — Iria ver um time que mesclasse Dungas e Romários. Um jornalista italiano fez uma reportagem comigo e com o Roberto Baggio e escreveu que um faz sonhar e o outro, eu, é claro, faz ver a realidade.

PLACAR — Quem é o seu grande ídolo no futebol?
Dunga — Sempre foi o Falcão. Não que eu quisesse imitá-lo, porque não sou um jogador de estilo, como ele, mas também não sou um jogador apenas de força.

PLACAR — Os técnicos entram e saem e até o Falcão sempre disse que no time dele você seria titular. Qual é o segredo?
Dunga — É a confiança que todas as pessoas que já trabalharam comigo têm em mim, sejam técnicos ou companheiros. Eu tenho um ótimo relacionamento no meu trabalho e se é importante estar bem com a torcida e com a Imprensa, muito mais é estar bem com quem trabalha contigo.

PLACAR — Como seus dois filhos vêem o papai Dunga jogador de futebol?
Dunga — Tanto minha filha, que tem oito anos e é quem gosta, como o guri, que tem seis, não olham tanto o Dunga, olham o Brasil, do qual estão afastados, o que só faz aumentar a adoração que têm pelo país. Eles adoram saber que o pai representa o Brasil. Eles são muito patriotas.

PLACAR — Depois de tantos anos no exterior, essa relação com a pátria ainda sobrevive em você?
Dunga — Mais do que em qualquer brasileiro, porque quem vive fora só ouve críticas ao Brasil, o que torna o relacionamento de quem está longe ainda mais dedicado a mostrar as coisas boas que temos.

PLACAR — Por falar em relacionamento, como está a sua convivência com o Romário, seu companheiro de quarto? Foi uma jogada hábil da Comissão Técnica colocar os dois juntos para que você cuidasse dele?
Dunga — Ele não é muito diferente de mim, não. Romário é um cara positivo, que luta pela coisas que quer ao modo dele, que exige respeito e que não se omite mais. Isso torna mais fácil a nossa relação.

PLACAR — Mas você não faz mais ou menos o papel de pai dele, fazendo a cabeça dele, impondo os limites?
Dunga — Ele já veio preparado para buscar o tetra, já sabendo que era super-importante para ele. E, quer saber, nem acho que tenha sido uma jogada hábil nos porem juntos, porque isso já aconteceu outras vezes.

PLACAR — Qual é a diferença entre Sebastião Lazaroni e Carlos Alberto Parreira?
Dunga — Cada técnico tem seu estilo ao comandar um time. Falam muito do Lazaroni, mas ele ganhou, e bem, a Copa América em 1989. Depois, na melhor partida que fizemos na Copa de 1990, perdemos para Argentina e ficou o emblema de perdedor. Já o Parreira voltou ao esquema de jogo bem brasileiro, 4-4-2, quando defende, e 4-4-3, quando ataca. Mas o que vale é a vitória. Se ganhar, o trabalho é bom; se perder, deixa de ser.

PLACAR — E qual é a diferença entre as duas Seleções, a de 1990 e a de agora?
Dunga — A maior diferença é a experiência e a dor que ficou para os que perderam aquele título e que receberam uma nova oportunidade de conquistá-lo.

PLACAR — E, hoje, o que o tetra significa para você?
Dunga — É, simplesmente, entrar para a história do futebol mundial.

PLACAR — Você pagaria para isso?
Dunga — Acho que todos aqui pagariam pelo tetracampeonato. É uma coisa que não tem preço, não tem sacrifício.

PLACAR — Como é a convivência dentro de um grupo que tem pelo menos dois jogadores, como Zinho e Paulo Sérgio, eleitos como os grandes vilões. Dá para falar com eles, apoiá-los, ou é na base do cada um que segure a sua própria barra?
Dunga — Olha, tocar no assunto diretamente com eles é difícil, só pioraria, machucaria mais ainda. O que se faz é dar um incentivo nos treinamentos, ajudá-los a superar a situação, manter o ritmo e dar condições para que eles reajam, impedir que o abatimento tome conta.

PLACAR — Mas você concorda que hoje é obrigado a fazer aquilo que sempre fez, ou seja, jogar na destruição, mas tem também de criar porque o meio-campo está muito lento?
Dunga — Acho que a lentidão maior aconteceu contra a Suécia, que jogou com dez atrás e nos obrigou a ter paciência porque as chances de gol demoravam a surgir. Mas o fato é que a maioria dos nossos gols, desde as Eliminatórias, tem nascido no meio-campo. As pessoas é que confundem, não percebem que quando um time está todo retrancado, não há como fazer lançamentos, ter velocidade. O que é preciso é paciência, como tivemos contra o Equador *(N.R.: Dunga fez o segundo gol na vitória por 2 x 0, em São Paulo)* e contra o Uruguai, nas Eliminatórias, por exemplo, até encontrar espaço para penetrar.

PLACAR — A Imprensa entende alguma coisa de futebol?
Dunga — Ah, deve entender. Para estar há tanto tempo falando de futebol (rindo). Deve entender. Mas tem muita diferença. Têm pessoas que entendem, mas têm pessoas que vêem, têm as que são cegas e as que não querem ver.

PLACAR — Aquele famoso lance do gol do Cannigia, que tirou o Brasil da Copa de 1990, em que você tenta e não consegue fazer a falta no Maradona, é um pesadelo na sua vida?
Dunga — De maneira alguma. Tenho consciência tranqüila. Tentei fazer a falta, pegar o pé de apoio do Maradona. Mas ele estava com todo o peso justamente naquele pé, ficou difícil derrubá-lo. Ele seguiu e deu o passe para Caniggia marcar.

PLACAR — De mal-amado, a bem-amado, da malfadada era Dunga ao respeito absoluto. Independentemente de ganhar ou não o tetra, isso já é uma vitória pessoal suficiente para você?
Dunga — Eu não acho que seja vitória. Eu, como brasileiro, apesar do respeito que tenho na Europa, quero é ser respeitado no meu país, onde vive a minha família. Porque ser respeitado na Europa, fazer contratos por lá, é tudo o que o profissional quer. Mas meu sonho como brasileiro é ser respeitado aonde eu tenho minhas raízes. Eu sou um cara meio conservador e só continuei a lutar para voltar à Seleção por causa disso, para ser respeitado no país que eu amo.

PLACAR — Você fica emocionado ao tocar nisso?
Dunga — É, me emociono um pouco, sim (com a voz embargada). É claro, pô! É no Brasil que tu batalhas, tu lutas, tu moras. Eu não podia sair da Seleção com uma marca negativa, tinha de sair com uma imagem positiva.

Mickey é bom, mas leva goleada

Nem só de futebol vivem os turistas que chegaram aos Estados Unidos para acompanhar a Copa do Mundo. No intervalo entre um jogo e outro, vários torcedores aproveitam para fazer uma visita rápida à Disneylândia e realizar um sonho dos tempos de criança. "Como o Brasil jogou em Detroit, contra a Suécia, resolvi vir até aqui, antes da partida contra os Estados Unidos", conta o paranaense Sebastião da Cruz, que passou quatro dias em Orlando antes de retornar a São Francisco. Como ele, torcedores irlandeses, mexicanos, holandeses e belgas fizeram aumentar a presença do público na Disney em cerca de 20%, após o início do Mundial. "Sempre quis assistir a uma Copa do Mundo e vir à Disneylândia", garante o torcedor irlandês Chris Humphries, de 44 anos. "Consegui isso graças ao fato de meu país jogar aqui." Esse movimento fez até os funcionários do parque, acostumados ao forte movimento provocado pelo verão, notarem a diferença. "Essa época do ano é sempre muito procurada", garante Meredith Smith, uma das responsáveis pelo atendimento aos clientes. "Mas este ano o movimento foi de fato maior." Não foram apenas os torcedores que resolveram matar o sonho de criança ao lado de Mickey, Pateta e Pato Donald. Nos dias livres, vários jogadores de Holanda e Eire estiveram no parque. "Me diverti vendo craques consagrados passando por aqui", conta o funcionário Mike Murdock, de 19 anos. Mesmo com todo esse movimento, porém, Orlando não está entre as cidades com maior receita produzida pela presença de turistas para a Copa do Mundo. A estimativa dos organizadores do Mundial é de que ela seja apenas a oitava cidade com maior arrecadação, à frente apenas de Detroit. A diferença entre a cidade de Mickey e Los Angeles, a mais visitada pelos torcedores, é considerável: Orlando deve lucrar 209 milhões de dólares, enquanto Los Angeles engordará seus cofres em 623 milhões.

NELSON COELHO

Sebastião da Cruz aproveitou a Copa para ir à Disney: Mickey faz sucesso, mas perde para o futebol

JOGO DURO

VERGONHA 1

O irracionalismo está em alta na Colômbia. Não bastasse amargar o dissabor de um quarto lugar num grupo em que era favorita e tomar mais cedo o caminho de volta para casa, os jogadores da Seleção Colombiana vivem momentos difíceis em sua terra natal. Primeiro, foi a morte absurda do zagueiro Escobar — aquele mesmo que marcou o gol contra na partida contra os Estados Unidos. Depois de discutir com quatro torcedores no estacionamento de um restaurante na cidade de Medellín, o zagueiro acabou brutalmente assassinado com 12 tiros à queima-roupa. Uma vergonha! Futebol não é isso.

PEDRO MARTINELLI

Escobar: gol contra e morte

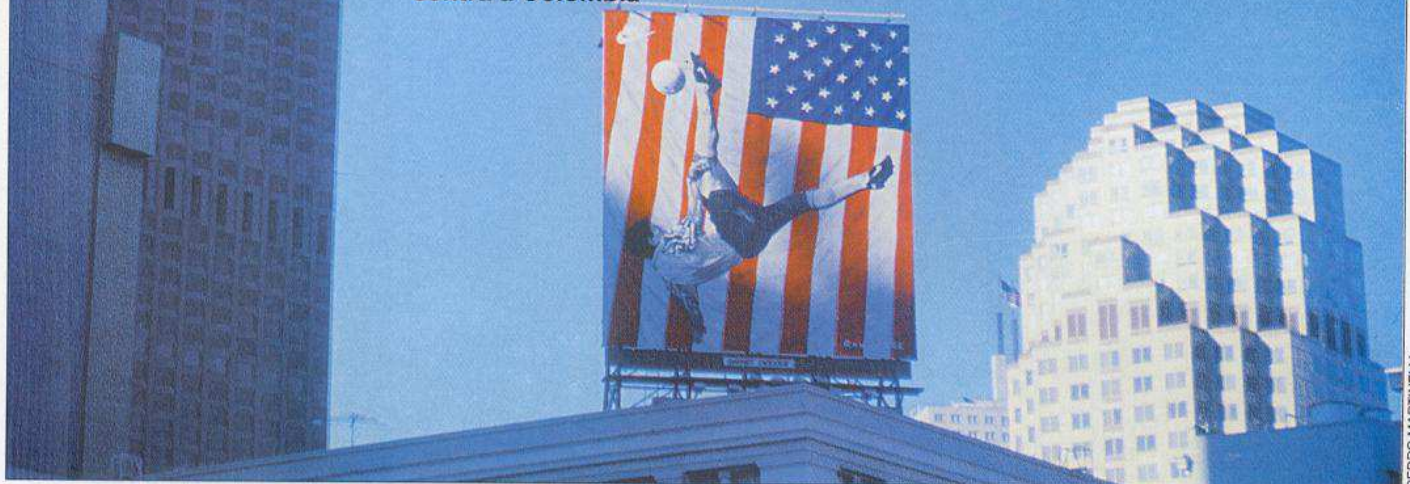
VERGONHA 2

Na mesma Colômbia, o palmeirense Freddy Rincón perdeu a cabeça e fez um papelão: agrediu sua mulher, Adriana, com um chute na perna após ser interrogado sobre as razões do futebol tão ruim que apresentou nos Estados Unidos. A pobre moça quebrou a tíbia e, para evitar escândalos, perdoou o jogador. Uma vergonha!

VERGONHA 3

Além de sua Seleção ser desclassificada logo na Primeira Fase do Mundial dos Estados Unidos, o goleiro Bell, de Camarões, teve sua casa,

CRAQUES DA PUBLICIDADE

Mesmo não tendo o futebol entre suas preferências esportivas, os americanos mostram que são craquérrimos na hora de captar o espírito de um esporte que mal conhecem para transformá-lo numa bela mensagem publicitária. Uma peça promocional da Copa do Mundo que vinha fazendo grande sucesso em São Francisco até a semana passada era um gigantesco outdoor mostrando um jogador, tendo uma bandeira dos States ao fundo, executando uma bicicleta mais que perfeita. Coincidência ou não, o painel repetia a aplaudidíssima jogada do zagueiro americano Balboa na partida contra a Colômbia

PEDRO MARTINELLI

PASSE CURTO

A CIDADE QUE DEU A MAIOR BOLA

Orlando, na Flórida, foi a cidade americana que mais deu bola para a Copa do Mundo. Literalmente. Na semana da abertura do Mundial, a Adidas colocou uma enorme reprodução da bola Questra, no topo do edifício City Hall, sede da prefeitura local. A população gostou da idéia. Em pouco tempo, o edifício situado no centro da cidade e a dois quilômetros do Estádio Citrus Bowl, virou ponto de referência para a população local. Pelo menos até o final da Copa do Mundo, quando a prefeitura promete tirar a bola de *cima* do topo do prédio.

A COPA DO EQUILÍBRIO

Pela primeira vez desde a Copa do Mundo do Chile, em 1962, nenhuma das Seleções classificadas alcançou todos os pontos da Primeira Fase. Anote: União Soviética e Portugal ganharam os seus três primeiros jogos no Mundial da Inglaterra, em 1966; Brasil e Alemanha superaram seus adversários em 1970, no México; e Polônia (em 1974), Itália (em 1978), Brasil e Inglaterra (em 1982), Brasil e Dinamarca (em 1986) e novamente Brasil e Itália (em 1990), também se classificaram para a Segunda Fase sem perder um só ponto. Curiosamente, em todas esses anos, apenas uma Seleção que conquistou os seis pontos da Primeira Fase conseguiu o título: a do Brasil, no México, em 1970. Desta vez, para os supersticiosos, há também uma outra constatação: em 1962, última vez em que nenhuma equipe conseguiu vencer as três partidas da Primeira Fase, os campeões também foram os brasileiros.

O goleiro Bell: casa incendiada por torcedores em Camarões

NELSON COELHO

em Douala, incendiada por torcedores exaltados que creditaram a ele, e ao técnico Henri Michel, a má campanha do time. Um vandalismo que as torcidas organizadas do Brasil assinariam com orgulho. Uma vergonha!

AUTOCRÍTICA

O goleiro coreano, Choi in Young, decidiu abandonar o futebol depois de sofrer cinco gols na Primeira Fase da Copa do Mundo dos Estados Unidos. Motivado por um forte sentimento nacionalista, o goleiro de 32 anos se auto-responsabilizou pela desclassificação da Coréia do Sul e afirmou não ser mais digno de defender as cores de seu país no esporte. De quebra, anunciou devolver, por livre e espontânea vontade, os 50000 dólares ganhos pela classificação da equipe para o Mundial.

PEDRO MARTINELLI

Alô, alô, Velho Guerreiro
Dia de jogo do Brasil nos Estados Unidos é dia também de se assistir ao milagre da ressurreição. De repente, lá está Chacrinha, o *Velho Guerreiro*, desfilando sua irreverência em verde e amarelo pelo Estádio.
Palmas para ele, que ele merece

Galo é isso aí
Tá no Aurélio: Galo (do latim gallu) S. m. Gênero de aves galináceas, de cristas carnudas e asas curtas e largas. Tá no PLACAR: Galo torcedor (do latim gallu torcedore) S. m. Gênero de aves às vezes galináceas, de avantajado porte e camisa verde-amarelo, olhos enganosamente sonsos para "secar" o frango adversário

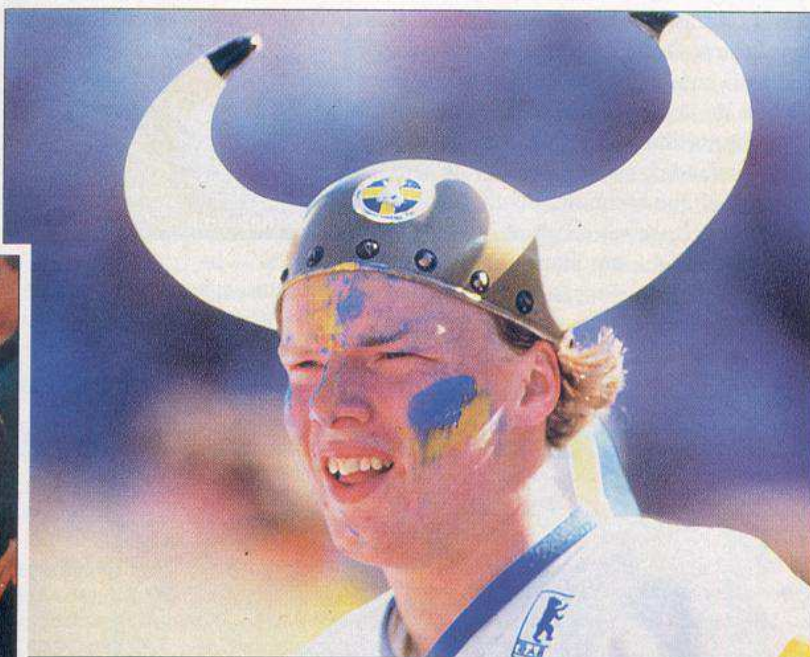
NELSON COELHO

PEDRO MARTINELLI

Bye, bye, lôraburra
Enquanto a Seleção Colombiana vivia seus 15 minutos de fama no Mundial, os clones do jogador Valderrama, com perucas de um louro honestamente falso, surgiam com a rapidez de cogumelos depois da chuva. Time eliminado, eles evaporaram no minuto seguinte

Galera de aprendizes
Os americanos até que se esforçaram bastante para pegar o jeito das arquibancadas. Pintaram o rosto e carregaram bandeiras, mas aquele gesto de cervejaria realmente ninguém entendeu

Sem medo de ser feliz
Os desinformados podem achar que ele escorregou no ridículo. A famosa estilista Neidinha do Brás afirma, porém, que ele está pronto para qualquer parada — desde comemorar um gol de Romário a um gol de Dunga

FOTOS NELSON COELHO

Farra do boi
O garotão sueco arranjou um fornido boi de plástico, arrancou seus chifres e fez com eles um caprichado capacete de guerreiro viking. A Sociedade Protetora dos Animais de Plástico dos Estados Unidos perdoou-o em nome da grande festa do futebol

Credenciada pelas vitórias

Mesmo sem jogar um futebol convincente, os holandeses confiam no talento individual para vencer o Brasil nas quartas-de final

Por **Paulo Vinícius Coelho,** *de Orlando*

Até o final da Primeira Fase, a Holanda só podia se gabar de um feito: mesmo sem mostrar um futebol de bom nível, o time conseguiu duas vitórias — contra Arábia Saudita (2 x 1) e contra Marrocos (2 x 1) —, ao contrário de 1990, quando chegou às oitavas-de-final da Copa da Itália ostentando apenas três empates. A classificação para a Terceira Fase, no entanto, depois de passar pelo Eire, credencia os holandeses para serem, no mínimo, adversários de respeito para o Brasil. "O que importa é que a sorte está a nosso lado e estamos conseguindo bons resultados", resume o atacante Dennis Bergkamp, principal jogador da equipe.

O fato de já estarem incluídos entre os oito melhores times do planeta, porém, não tira dos holandeses a consciência de seus limites. "Sei que há um buraco às minhas costas que precisa ser resolvido", assume o ponta Overmars, um atacante por natureza, mas que faz a função de ala no time laranja. O técnico Dick Advocaat tentou corrigir o problema colocando o volante Winter no lugar do veterano Rijkaard. Não conseguiu e manteve um bom caminho a ser explorado pelo ataque do Brasil nas quartas-de-final, exatamente pelo lado esquerdo, às costas do Overmars ou Winter, que também pode ser aproveitado no setor. "Apesar de nossas deficiências, não temos medo do Brasil", desafia Taument, um atacante que entra sempre no meio das partidas e que foi o autor do gol da vitória contra a Arábia, na estréia holandesa. O principal motivo para essa confiança é a presença de Bergkamp. Eleito o terceiro melhor jogador do mundo no ano passado, pela FIFA, o camisa 10 vem sendo o jogador mais perigoso do ataque holandês e deve merecer toda a atenção dos zagueiros brasileiros. Mas além de Berkamp, o atacante Van Vossen e as sempre perigosas cobranças de faltas do líbero Ronald Koeman são outras duas boas preocupações para o técnico Carlos Alberto Parreira. E são razões suficientes para o atacante Taument lançar o desafio: "Tenho certeza de que podemos vencer o Brasil."

AFP

O atacante Taument *(acima com dois belgas)* confia: "Não temos medo. Podemos vencer"

BATE BOLA

"NÃO TEMOS MEDO DE NINGUÉM"

Mesmo sem a Holanda convencer, o técnico Dick Advocaat transpira otimismo e diz que Gullit e Van Basten não fazem a menor falta

PLACAR — Jogar contra o Brasil preocupa a Holanda?
Advocaat — Não nos preocupa. Sabemos que cada fase apresentará maiores dificuldades. Primeiro passamos por Arábia Saudita, Marrocos e Bélgica, e sabíamos que o jogo contra o Eire seria complicado. Agora, vamos enfrentar o Brasil, um adversário, até por tradição, muito difícil.

PLACAR — O que é preciso fazer para tornar a Holanda um time vencedor?
Advocaat — No passado, já vencemos equipes poderosas como Itália e Alemanha. Quando passamos às oitavas-de-final, diziam que o Eire nos deixava temerosos. Não temos medo de nenhum adversário. Sabemos que temos condições de vencer a qualquer um.

PLACAR — A Holanda passou pela Primeira Fase sem Gullit e Van Basten. Agora, quando as fases são decisivas, eles fazem mais falta?
Advocaat — Nossa Seleção está treinando sem Gullit e sem Van Basten desde o começo de meu trabalho, que se iniciou logo depois da Eurocopa de 1992. Na verdade, nunca pudemos contar com os dois jogadores. Mesmo assim, passamos pelas Eliminatórias, chegamos à Copa do Mundo e estamos na posição em que nos encontramos. Por tudo isso, acho que Gullit e Van Basten não fazem falta.

PLACAR — A Holanda tem condição de chegar ao título?
Advocaat — Evidentemente. Se passarmos pelo Brasil e chegarmos às semifinais, as dificuldades serão ainda maiores. Mas acho que podemos conseguir o primeiro lugar.

BRASIL X HOLANDA						
4	2	0	2	6	4	2

DESTAQUE BERGKAMP

A defesa brasileira deve tomar cuidado com Bergkamp *(acima, contra a Arábia Saudita)*, o atacante mais perigoso da Holanda

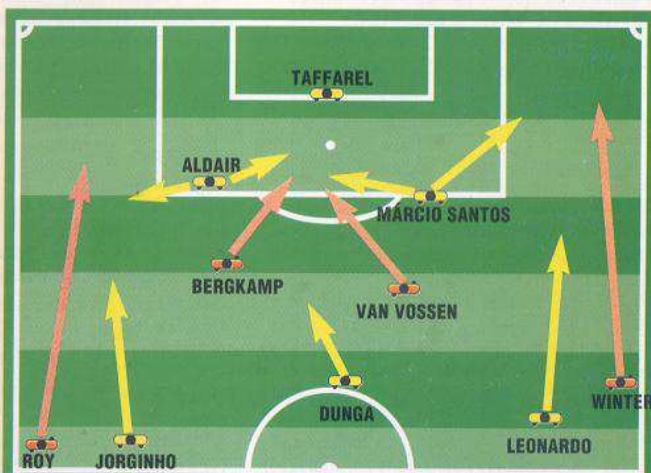
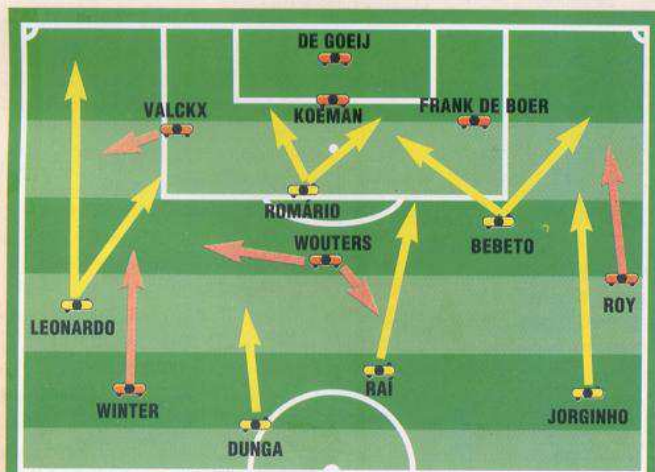
REUTER

UM CRAQUE MESMO FORA DE LUGAR

Dentro de campo, Dennis Bergkamp atormenta os zagueiros adversários. Fora dele, é pouco afeito a discussões e atende às decisões de seu treinador sem maiores problemas. "Ele sabe aonde devo jogar", costuma dizer. Mesmo assim, o herdeiro da camisa 10, que seria de Gullit caso o craque não abdicasse da disputa do Mundial, não esconde sua preferência. "Acho que rendo mais no meio-campo", acredita.

Foi fazendo dupla com Van Vossen no ataque holandês, no entanto, que Bergkamp, mesmo sem estar no auge da forma técnica, tornou-se o principal jogador do time. "Hoje sinto que os zagueiros adversários têm medo de Bergkamp", garante o também atacante Taument. "Isso é bom porque ou ele decide o jogo, ou sobra espaço para que nós o façamos", completa. Mesmo assim, os críticos têm lhe cobrado maior participação nas partidas e um desempenho individual ainda melhor do que o demonstrado. Timidamente, e bem a seu estilo, Bergkamp desconversa. E garante: "Os resultados estão aparecendo. As boas atuações são um problema secundário."

COMO GANHAR

As avançadas de Winter ou Overmars pelo lado direito deverão abrir um corredor à frente de Leonardo. Outra alternativa é insistir nas tabelas com Bebeto e Jorginho, já que Roy também não guarda posição. A má forma de Koeman pode facilitar Romário, que o conhece bem do Barcelona, onde os dois jogam

ART COR E FORMA

COMO NÃO PERDER

Assim como deixam espaços para o ataque adversário, tanto Winter quanto Overmars também criam muitas situações de gol. Dos seus pés, pela direita, saem boas jogadas para Bergkamp e Van Vossen. Na esquerda, Roy pode levar perigo e deverá explorar as avançadas de Jorginho

TABELÃO

CLASSIFICAÇÃO FINAL DA PRIMEIRA FASE

GRUPO B	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
1º Brasil	7	3	2	1	0	6	1	5
2º Suécia	5	3	1	2	0	6	4	2
3º Rússia	3	3	1	0	2	7	6	1
4º Camarões	1	3	0	1	2	3	11	-8

GRUPO D	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
1º Nigéria	6	3	2	0	1	6	2	4
2º Bulgária	6	3	2	0	1	6	3	3
3ºArgentina	6	3	2	0	1	6	3	3
4º Grécia	0	3	0	0	3	0	10	-10

GRUPO E	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
1º México	4	3	1	1	1	3	3	0
2º Eire	4	3	1	1	1	2	2	0
3º Itália	4	3	1	1	1	2	2	0
4º Noruega	4	3	1	1	1	1	1	0

GRUPO F	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
1º Holanda	6	3	2	0	1	4	3	1
2º Arábia	6	3	2	0	1	4	3	1
3º Bélgica	6	3	2	0	1	2	1	1
4º Marrocos	0	3	0	0	3	2	5	-3

Critérios de desempate: a) saldo de gols; b) número de gols a favor; c) confronto direto; d) sorteio
Grupo D: *a Bulgária superou a Argentina no confronto direto (2 x 0);* ***Grupo E:*** *o Eire superou a Itália no confronto direto (1 x 0);* ***Grupo F:*** *a Holanda superou a Arábia no confronto direto (2 x 1).*

GRUPO B

28/junho/94
BRASIL 1 X SUÉCIA 1
Local: Silverdome (Detroit); **Juiz:** Sandor Puhl (Hungria); **Público:** 77217; **Gols:** Kennet Andersson 23 do 1º; Romário 1 do 2º; **Cartão amarelo:** Aldair e Mild
BRASIL: (1) Taffarel, (2) Jorginho, (13) Aldair, (15) Márcio Santos e (16) Leonardo; (5) Mauro Silva ((17) Mazinho, intervalo), (8) Dunga, (9) Zinho e (10) Raí ((18) Paulo Sérgio 38 do 2º); (7) Bebeto e (11) Romário. **Técnico:** Parreira
SUÉCIA: (1) Ravelli, (2) Roland Nilsson, (3) Andersson, (14) Kamark e (5) Ljung; (6) Schwarz ((18) Mild 30 do 2º), (8) Ingesson, (9) Thern e (7) Henrik Larsson ((21) Blomqvist 19 do 2º) ; (11) Brolin e (19) Kennet Andersson. **Técnico:** Tommy Svensson

28/junho/94
RÚSSIA 6 X CAMARÕES 1
Local: Stanford Stadium (São Francisco); **Juiz:** Jamal Al Sharif (Síria); **Público:** 74914; **Gols:** Salenko 16, 41 e 45 (pênalti) do 1º; Milla 2, Salenko 28, 30 e 37 do 2º; **Cartão amarelo:** Nikiforov, Khlestov, Karpin, Songo'o e Kana-Biyik
RÚSSIA: (1) Cherchesov, (5) Nikiforov, (6) Ternavsky, (21) Khlestov e (18) Onopko; (12) Tetradze, (10) Karpin, (14) Korneev ((15) Radchenko 19 do 2º) e (17) Tsymbalar; (20) Lediakhov ((11) Beshchastnykh 32 do 2º) e (9) Salenko. **Técnico:** Pavel Sadyrin
CAMARÕES: (22) Songo'o, (14) Tataw, (13) Kalla, (15) Agbo e (5) Ndip; (6) Libiih, (2) Kana-Biyik, (10) Mfede ((9) Milla, intervalo) e (17) Foe; (19) Embe ((16) Tchami, intervalo) e (7) Oman-Biyik. **Técnico:** Henri Michel

GRUPO D

30/junho/94
ARGENTINA 0 X BULGÁRIA 2
Local: Cottom Bowl (Dallas); **Juiz:** Neji Jouini (Tunísia); **Público:** 63998; **Gols:** Stoichkov 16 e Sirakov 47 do 2º; **Cartão amarelo:** Stoichkov, Yankov, Ruggeri, Rodriguez, Tzvetanov, Ivanov, Balakov e Batistuta; **Expulsão:** Tzvetanov 22 do 2º
ARGENTINA: (12) Islas, (16) Hernán Diaz, (13) Cáceres, (6) Ruggeri e (3) Chamot; (14) Simeone, (5) Redondo, (19) Balbo e (20) Leonardo Rodríguez ((11) Medina Bello 21 do 2º); (7) Caniggia ((17) Ortega 20 do 1º) e (9) Batistuta. **Técnico:** Alfio Basile
BULGÁRIA: (1) Mikhailov, (2) Kremenliev, (5) Hubchev, (3) Ivanov e (4) Tzvetanov; (9) Lechkov ((11) Borimirov 30 do 2º), (6) Yankov, (20) Balakov e (10) Sirakov; (7) Kostadinov ((16) Kiriakov 28 do 2º) e (8) Stoichkov. **Técnico:** Dimitar Penev

30/junho/94
GRÉCIA 0 X NIGÉRIA 2
Local: Foxboro (Boston); **Juiz:** Leslie Mottram (Escócia); **Público:** 53001; **Gols:** Finidi 45 do 1º; Amokachi 49 do 2º; **Cartão amarelo:** Mitropoulos, Kalitzakis, Oliseh e Keshi
GRÉCIA: (15) Karkamanis, (13) Karagianis, (22) Alexiou e (5) Kalitzakis; (17) Chantzidis, (6) Tsalouchidis, (8) Nioplias e (21) Alexandris; (10) Mitropoulos ((11) Tsiantakis 26 do 2º), (19) Kofidis e (9) Machlas ((14) Dimitriadis 34 do 2º). **Técnico:** Alketas Panagoulias
NIGÉRIA: (1) Rufai, (6) Nwanu, (5) Okechukwu, (4) Keshi e (19) Emenalou; (12) Siasia, (15) Oliseh, (14) Amokachi e (7) Finidi ((21) Mutiu 38 do 2º); (9) Yekini ((10) Okocha 23 do 2º) e (11) Amunike. **Técnico:** Clemens Westerhof

GRUPO E

28/junho/94
EIRE 0 X NORUEGA 0
Local: Giants Stadium (Nova Jersey); **Juiz:** Jose Torres Cadeña (Colômbia); **Público:** 76322; **Cartão amarelo:** Keane, Houghton, Sorloth, Johnsen e Kelly
EIRE: (1) Booner, (12) Gary Kelly, (14) Babb, (5) McGrath e (11) Stauton; (6) Keane, (7) Townsend ((18) Whelan 29 do 2º), 8) Houghton e (21) McAteer; (10) Sheridan e (9) Aldridge ((20) Kelly 19 do 2º). **Técnico:** Jack Charlton
NORUEGA: (1) Thorsvedt, (2) Halle ((11) Jakobsen 33 do 1º), (3) Johnsen, (4) Bratseth e (5) Bjornebye; (20) Berg, (6) Flo, (7) Mykland, (8) Leonhardsen ((22) Bohinen 22 do 2º) e (10) Rekdal; (16) Sorloth. **Técnico:** Egil Olsen

28/junho/1994
ITÁLIA 1 X MÉXICO 1
Local: Robert F. Kennedy Memorial (Washington); **Juiz:** Francisco Lamolina (Argentina); **Público:** 53186; **Gols:** Massaro 3 e Bernal 12 do 2º; **Cartão amarelo:** Del Olmo, Albertini, Luis García e García-Aspe
ITÁLIA: (12) Marcheggiani, (3) Benarrivo, (2) Apoloni, (5) Costacurta e (5) Maldini; (11) Albertini, (13) Dino Baggio ((16) Donadoni 19 do 2º), (14) Berti e (10) Baggio; (18) Casiraghi ((19) Massaro, intervalo) e (20) Signori. **Técnico:** Arrigo Sacchi
MÉXICO: (1) Jorge Campos, (2) Suárez, (3) Ramírez Perales, (4) Ambriz e (6) Bernal; (8) García-Aspe, (14) Del Olmo, (20) Rodríguez e (10) Luis García ((13) Juan Chávez); (11) Zaguinho e (7) Hermosillo. **Técnico:** Miguel Mejía Barón

GRUPO F

29/junho/94
BÉLGICA 0 X ARÁBIA SAUDITA 1
Local: Robert F. Kennedy (Washington); **Juiz:** Hellmut Krug (Alemanha); **Público:** 52959; **Gol:** Owairan 5 do 1º; **Cartão amarelo:** Smidts, Scifo, Madani e Falatah
BÉLGICA: (1) Preudd'Homme, (2) Medved, (4) Albert, (5) Smidts e (14) De Wolf; (6) Staelens, (7) Van Der Elst, (9) Degryse ((8) Nillis 22 do 2º) e (10) Scifo; (16) Boffin e (18) Wilmots ((17) Weber 8 do 2º). **Técnico:** Paul Van Himst
ARÁBIA SAUDITA: (1) Al Deayea, (3) Al Khlawi, (4) Sulaiman, (5) Madani e (13) Jawad; (8) Al Bishi, (16) Jebrin, (19) Saleh e (10) Owairan ((2) Al Dosari 16 do 2º); (9) Abdullah ((14) Al Muwallid, intervalo) e (20) Falatah. **Técnico:** Jorge Solari

29/junho/94
MARROCOS 1 X HOLANDA 2
Local: Citrus Bowl (Orlando); **Juiz:** Alberto Tejada (Peru); **Público:** 60578; **Gols:** Bergkamp 43 do 1º; Nader 2 e Roy 33 do 2º; **Cartão amarelo:** Nader, El Khalej, Bouiyboud, Hababi, Samadi, Wouters e Koeman
MARROCOS: (22) Zakaria, (4) El Khalej, (5) Triki, (18) Meqrouz e (3) El Hadrioui; (8) Azzouzi ((8) Daoudi 15 do 2º), (15) Hababi, (13) Bahja e (16) Nader; (19) Bouiyboud ((7) Hadji, intervalo) e (21) Samadi. **Técnico:** Abellah Blinda
HOLANDA: (1) De Goeij, (2) Frank de Boer, (4) Koeman, (18) Valckx e (5) Rob Witschge; (6) Wouters, (8) Jonk, (20) Winter e (7) Overmars ((17) Taument 10 do 2º); (10) Bergkamp e (19) Van Vossen ((11) Roy 21 do 2º). **Técnico:** Dick Advocaat

ARGENTINA PERDE SEU CRAQUE

A camisa azul e branca da Seleção Argentina já não tem mais a mesma força apresentada nas partidas iniciais do Mundial dos Estados Unidos. Seu capitão e melhor jogador, Diego Maradona, foi afastado da Copa depois que o exame antidoping, feito ao término da partida Argentina 2 x Nigéria 1, acusou a presença de substâncias proibidas em sua urina. Esta foi a terceira vez que o craque argentino se viu envolvido com drogas — em 1991, além de receber uma suspensão de 15 meses da Federação italiana por doping, Maradona foi preso em Buenos Aires portando cocaína. O jogador deu, assim, um melancólico adeus àquela que seria sua última Copa do Mundo. Por casualidade ou desconfiança, ele fora escolhido para o antidoping, um teste obrigatório em qualquer torneio oficial, e o resultado do exame acabou constatando a presença de cinco substâncias estranhas em seu organismo: efedrina, nor-efedrina, pseudo-efedrina, nor-pseudo-efedrina e meta-efedrina. São substâncias que estimulam os batimentos cardíacos e dão maior

Obs.: os números entre parênteses são os das camisas dos jogadores

OITAVAS-DE-FINAL

JOGO 1 — 3/julho/94
ROMÊNIA 3 X ARGENTINA 2
Local: Rose Bowl (Los Angeles); **Juiz:** Pierluigi Pairetto (Itália); **Público:** 90 467; **Gols:** Dumitrescu 11, Batistuta (pênalti) 15 e Dumitrescu 17 do 1º; Hagi 12, Balbo 30 do **Cartão amarelo:** Ruggeri, Hagi, Redondo, Chamot, Selymes, Cáceres, Dumitrescu
ROM NIA: (1) Prunea, (2) Petrescu, (3) Prodan, (4) Belodedici e (14) Mihali; (6) Popescu, (13) Selymes, (5) Lupescu e (10) Hagi ((18) Galca 40 do 2º); (11) Dumitrescu ((19) Papura 44 do 2º) e (7) Munteanu. **Técnico:** Anghel Iordanescu
ARGENTINA: (12) Islas, (4) Sensini ((11) Medina Bello 19 do 2º), (13) Cáceres, (6) Ruggeri e (3) Chamot; (5) Redondo, (8) Basualdo, (14) Simeone e (19) Balbo; (17) Ortega e (9) Batistuta. **Técnico:** Alfio Basile

JOGO 2 — 3/julho/94
ARÁBIA 1 X SUÉCIA 3
Local: Cotton Bowl (Dallas); **Juiz:** Renato Marsiglia (Brasil); Público: 60 277; **Gols:** Dahlin 6 do 1º; Kennet Andersson 6 Gushaian 36 e Kennet Andersson 42 do 2º; **Cartão amarelo:** Ljung, Thern, Muwallid e Roland Nilsson
ARÁBIA: (1) Al Deayea, (13) Al Khlawi, (4) Sulaiman, (5) Madani e (13) Jawad ((7) Gushaian 10 do 2º); (6) Amin, (8) Al Bishi ((14) Al Muwallid 18 do 2º), (19) Saleh e (10) Owairan; (12) Al Jaber e (20) Falatah. **Técnico:** Jorge Solari
SUÉCIA: (1) Ravelli, (2) Roland Nilsson, (4) Bjorklund ((14) Kamark 10 do 2º), (5) Ljung e (6) Schwarz; (8) Ingesson, (9) Thern ((18) Mild 25 do 2º) e (10) Dahlin; (11) Brolin e (19) Kennet Andersson. **Técnico:** Tommy Svensson

JOGO 4 — 2/julho/94
ALEMANHA 3 X BÉLGICA 2
Local: Soldiers Field's (Chicago); **Juiz:** Kurt Roethhlisberger (Suíca); **Público:** 60 246; **Gols:** Völler 6, Grun 8, Klinsmann 11 e Völler 40 do 1º; Albert 45 do 2º; **Cartão amarelo:** Helmer, Wagner e Albert
ALEMANHA: (1) Illgner, (4) Kohler, (10) Mathäus ((3) Brehme, intervalo) e (14) Berthold; (5) Helmer, (8) Hassler, (6) Buchwald, (16) Sammer e (17) Wagner; (13) Völler e (18) Klinsmann ((11) Kuntz 40 do 2º). **Técnico:** Berti Vogts
BÉLGICA: (1) Preudd' Homme, (4) Albert, (14) De Wolf, (13) Grun e (5) Smidts ((16) Boffin 20 do 2º); (6) Staelens, (7) Van der Elst, (10) Scifo e (15) Emmers; (8) Nillis ((11) Czerniatinsky 32 do 2º) e (17) Weber. **Técnico:** Paul Van Himst

JOGO 6 — 2/julho/94
ESPANHA 3 X SUÍÇA 0
Local: Robert F. Kennedy Memorial (Washington); **Juiz:** Mario Van der End; **Público:** 53 121; **Gols:** Hierro 15 do 1º; Luis Enrique 29 e Beguiristain (pênalti) 41 do 2º; **Cartão amarelo:** Goicoechea, Ferrer, Camarasa, Hottiger, Studer, Subiat, Pascolo e Otero
ESPANHA: (1) Zubizarreta, (2) Ferrer, (4) Camarasa, (5) Abelardo e (18) Alcorta; (6) Hierro ((3) Otero 30 do 2º), (12) Sergi, (20) Nadal e (10) Bakero; (7) Goicoechea ((11) Beguiristain 17 do 2º) e (21) Luis Enrique. **Técnico:** Javier Clemente
SUIÇA: (1) Pascolo, (2) Hottiger, (3) Quentin ((19) Studer 12 do 2º), (4) Herr e (5) Geiger; (6) Bregy, (8) Ohrel ((14) Subiat 27 do 2º), (16) Bickel e (10) Sforza; (9) Knup e (11) Chapuisat. **Técnico:** Anghel Iordanescu

Obs.: Com esses resultados, Alemanha, Espanha, Suécia e Romênia classificaram-se para as quartas-de-finais.

REUTER

Maradona, dopado, contra a Nigéria: adeus melancólico

estabelecer o recorde de 22 jogos em Copas do Mundo. Após as vitórias contra Grécia (4 x 0) e Nigéria (2 x 1), os argentinos se preparavam para enfrentar a Bulgária em seu último compromisso na Primeira Fase. Sem Maradona, a ex-favorita Argentina voltou a jogar o mesmo futebol medíocre das Eliminatórias e amargou uma derrota por 2 x 0 do time búlgaro. Pior. Nas oitavas-de-final passaria por outro vexame ao ser novamente derrotada pela Romênia num dramático 3 x 2. Triste, cabisbaixo e convicto ao afirmar sua inocência, Maradona foi expulso dos gramados americanos justamente num momento em que a imprensa de todo o mundo se rendia ao seu extraordinário futebol e elogiava a sua esplêndida recuperação física, e viu seu país se despedir da Copa sem poder fazer nada.

lucidez e fôlego ao atleta. Segundo o craque, o medicamento estava sendo usado para aliviar bloqueios nasais. Antes mesmo que a FIFA se pronunciasse, a própria Associação de Futebol Argentino (AFA) se antecipou à sentença e excluiu o jogador do Mundial. A notícia chegou a Maradona no mesmo dia em que ele iria

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente: Roberto Civita
Vice-Presidente Executivo: Thomaz Souto Corrêa

Diretor de Distribuição: Carlos Roberto Berlinck
Secretário Editorial: Celso Nucci
Diretor de Publicidade: Dalton Pastore Júnior
Diretor de Recursos Humanos: Edvard Ghirelli
Diretor Editorial Adjunto: Ricardo A. Setti
Diretor de Planejamento e Controles: Valter Pasquini
Diretor de Sistemas: Vanderlei Bueno

PLACAR

Diretor de Redação: Juca Kfouri
Redator-Chefe: Sérgio F. Martins
Diretor de Arte: Haroldo Jereissati
Editor: Mauro Cezar Pereira
Repórteres: Paulo Vinicius Coelho, Manoel G. Coelho Fº
Chefe de Arte: Jonas Aquino Plaça
Diagramadores: José Jonas de Lima, Rosalina Sasaki
Fotógrafo: Nélson Coelho
Coordenador de Produção: Sebastião Silva
Atendimento ao Leitor: Rodolfo Martins Rodrigues

Apoio Editorial

Gerente Depto. de Documentação: Susana Camargo
Diretor de Serviços Fotográficos: Pedro Martinelli
Gerente Abril Press: Judith Baroni
Gerente Nova York: Grace de Souza
Gerente Paris: Pedro de Souza

Publicidade

Atendimento de Agências
Gerentes de Grupo: Celso Marche, Roberto Nascimento
Gerentes Executivos de Negócios: Paulo D'Andrea, Angelo Derenze, Antonio Carlos de Campos, Dario Castilho de Azevedo, Mariane Ortiz, Pedro Bonaldi, Moacyr Guimarães, Elian Trabulsi, Rogério Gabriel, Claudio Bartolo (RJ), Márcia Alvaredo (RJ), Rogério Ponce de Leon (RJ)
Gerente para Anunciantes Diretos: Paulo Renato Simões (RJ)
Gerentes da Central de Comercialização de Diretos: Alderlei Cunha, Alberto Simões
Gerente de Escritórios Regionais: Marcos Venturoso
Diretor de Adm. e Planej.: Rodinaldo Escocard de Souza

Circulação

Diretor de Vendas Avulsas: Eduardo Macedo
Diretor de Vendas de Assinaturas: Vicente Argentino
Diretor de Operações: Nelson Romanini Filho

Publicações

Diretor: Carlos Herculano Ávila

Diretor Brasília: Luiz Edgard P. Tostes
Diretor Rio de Janeiro: Luiz Fernando Pinto Veiga

Presidente: Roberto Civita
Vice-Presidentes: Angelo Rossi, Ike Zarmati, José Augusto Pinto Moreira, José Wilson Paschoal, Placido Loriggio, Thomaz Souto Corrêa

A Copa na Telinha

A programação das TVs de 05/7 a 09/7

BANDEIRANTES

Data	Hora	Programa	
05/7	11h	Flash	**Reapresentação**
05/7	12h30	Esporte Total	
05/7	13h15	Copa 94	**Reportagens**
05/7	14h	**Nigéria x Itália**	**Vivo**
05/7	16h30	Copa 94	**Reportagens**
05/7	17h30	**México x Bulgária**	**Vivo**
05/7	20h30	Copa 94	**Compactos**
05/7	22h30	Apito Final	
06/7	2h	Flash	
06/7	11h	Flash	**Reapresentação**
06/7	12h30	Esporte Total	
06/7	17h45	Copa 94	**Reportagens**
06/7	20h	Copa 94	**Reportagens**
06/7	20h30	Apito Final	
07/7	0h	Fash	
07/7	11h	Fash	**Reapresentação**
07/7	12h30	Esporte Total	
07/7	17h45	Copa 94	**Reportagens**
07/7	20h	Copa 94	**Reportagens**
07/7	20h30	Apito Final	
08/7	0h	Flash	
08/7	11h	Fash	**Reapresentação**
08/7	12h30	Esporte Total	
08/7	17h45	Copa 94	**Reportagens**
08/7	20h	Copa 94	**Reportagens**
08/7	20h30	Apito Final	
09/7	0h	Flash	
09/7	12h15	Copa 94	**Reportagens**
09/7	13h	**(Nigéria ou Itália) x (Espanha ou Suíça)**	**Vivo**
09/7	15h	Copa 94	**Reportagens**
09/7	16h30	**(Holanda ou Eire) x (Brasil ou EUA)**	**Vivo**
09/7	20h	Copa 94	**Compactos**
09/7	22h	Apito Final	

CULTURA

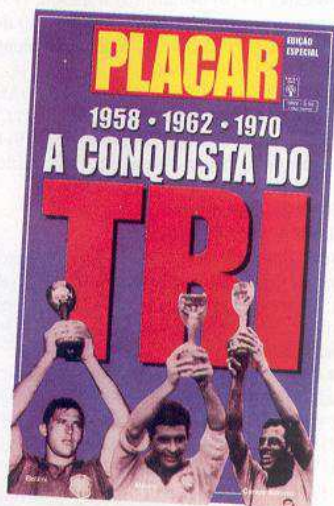
Data	Hora	Programa
09/7	10h30	Grandes Momentos do Esporte

GLOBO

Data	Hora	Programa	
05/7	12h20	Globo Esporte	
05/7	13h30	**Nigéria x Itália**	**Vivo**
05/7	17h	**México x Bulgária**	**Vivo**
06/7	12h30	Globo Esporte	
07/7	12h30	Globo Esporte	
08/7	12h30	Globo Esporte	
09/7	12h15	Globo Esporte	
09/7	13h	**(Nigéria ou Itália) x (Espanha ou Suíça)**	**Vivo**
09/7	15h	Esporte Espetacular	
09/7	16h30	**(Holanda ou Eire) x (Brasil ou EUA)**	**Vivo**

SBT

Data	Hora	Programa	
05/7	13h50	**Nigéria x Itália**	**Vivo**
05/7	17h20	**México x Bulgária**	**Vivo**
06/7	0h	Jô Soares na Copa	
06/7	1h30	Resumo da Copa	
06/7	2h45	Perfil	
06/7	23h30	Jô Soares na Copa	
07/7	0h45	Resumo da Copa	
07/7	2h	Perfil	
07/7	23h30	Jô Soares na Copa	
08/7	0h45	Resumo na Copa	
08/7	2h	Perfil	
08/7	23h30	Jô Soares na Copa	
09/7	0h45	Resumo da Copa	
09/7	2h	Perfil	
09/7	12h50	**(Nigéria ou Itália) x (Espanha ou Suíça)**	**Vivo**
09/7	16h20	**(Holanda ou Eire) x (Brasil ou EUA)**	**Vivo**
10/7	1h50	Resumo da Copa	

Obs.: *Todos os telejornais apresentarão reportagens sobre a Copa.*
Os programas Flash, Perfil e Jô Soares serão transmitidos dos EUA.
A TV Cultura e as TVEs transmitem a mesma programação em rede nacional.

Dumont
3ATM
ALARM CHRONOGRAPH

Denison/BSB

FIQUE COM A CONSCIÊNCIA LIMPA. USE CLEAN GAS.

Para não me preocupar com carburadores, injetores e câmeras de combustão, eu uso Bardahl Clean Gas. O aditivo detergente e anticorrosivo que mantém limpo todo o sistema de combustível. Siga meus conselhos. Procure o posto mais próximo e use Clean Gas regularmente.

TUDO ANDA BEM COM BARDAHL.